



25 de Janeiro de 2018

*O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem*

**A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**



## O QUE MUDOU PARA O SETOR?

Ao fim e ao cabo, as mudanças introduzidas pelo governo nas regras para o setor mineral não mudaram muita coisa, pelo menos em substância.

É bem verdade que foi criada a Agência Nacional de Mineração (ANM) – uma demanda antiga - para substituir o octogenário DNPM, que vinha atuando quase que exclusivamente graças ao empenho e abnegação dos seus servidores mal remunerados.

De acordo com a lei que a aprovou, a ANM terá, dentre outras, as seguintes competências: implementar a política nacional de mineração, estabelecer normas e padrões para aproveitamento dos recursos minerais, requisitar e administrar as informações sobre pesquisa e lavra produzidas pelos titulares de direitos minerários, gerir os títulos e direitos minerários, estabelecer requisitos e critérios de julgamento sobre disponibilidade de área, consolidar as informações do setor mineral e divulgá-las em prazo não superior a um ano, fiscalizar as atividades de mineração, arrecadar os créditos relativos à CFEM, TAH e multas aplicadas pela Agência, mediar e decidir sobre conflitos, expedir títulos minerários, declarar caducidade de direitos minerários, normatizar o sistema brasileiro de manter o registro brasileiro de certificação de reservas e recursos minerais, conceder anuência prévia às transferências ou cessões de títulos minerários etc.

A rigor, a maior parte das competências da Agência já eram exercidas pelo DNPM.

Portanto, nesse mister não houve grandes alterações. O que mudou, então? Primeiramente o fato de se ter regras melhor definidas para a escolha dos seus dirigentes, que agora serão baseadas em competência técnica e não mais por simples indicação política, como ocorria até então. Outro ponto positivo é que a diretoria é colegiada, o que significa que as decisões também o são, o que poderá minimizar o tráfico de influência.

Do ponto de vista da estruturação da ANM, resta saber se as receitas com que ela poderá contar (basicamente os recursos oriundos de sua participação de 7% na

arrecadação da CFEM, do pagamento da Taxa Anual por Hectare e do que for arrecadado com o leilão das áreas em disponibilidade) serão suficientes para ela possa funcionar a contento.

Para muita gente do setor, a criação da Agência por si só não servirá para oxigenar a atividade de mineração. O desejável é que sua criação fosse acompanhada das mudanças na legislação mineral, previstas na MP 790, que terminou não sendo votada. Existe uma esperança de que tais mudanças possam ser feitas via Projeto de Lei, o que é algo meio complicado num ano eleitoral.

Quanto às mudanças na CFEM, que desagradaram o setor, por onerar mais a atividade, ficaram mais centradas no aumento da alíquota para o ouro (que passou de 1% para 1,5%), para o minério de ferro (aumento de 2% para 3,5%), aumento no diamante (para 2%) e redução para 1% dos agregados para construção e águas minerais e termais. Mas a grande mudança foi a base de cálculo da CFEM, que passou a ser sobre o faturamento bruto (menos impostos) ao invés do faturamento líquido (menos custos com transporte). Como resultado final, a arrecadação da CFEM vai aumentar.

Quanto à distribuição dos recursos oriundos da CFEM, houve mudanças importantes, tirando-se uma parcela (15%) dos estados e União e dos municípios mineradores para dá-la aos municípios não mineradores mais impactados pela atividade (aqueles cortados por ferrovias, mineroduto, os que têm instalações portuárias e aqueles que abrigam pilhas de estéril e barragens de rejeitos). Uma mudança elogiada pelo setor foi a destinação de 2,8% dos recursos que competem à União para a área de ciência e tecnologia (FNDCT e Cetem).

Embora as mudanças não tenham mudado muito coisa, é importante que se tenha, finalmente, decidido algo em uma questão que vem se arrastando há vários anos. Agora, pelo menos no que se refere aos royalties, o setor já sabe com que parâmetros trabalhar para decidir sobre sua viabilidade.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Autor: Francisco Alves**

**Data: Edição Dezembro 2017**

## Jornal do Comércio

**VALE ESTÁ EM SUA MELHOR FORMA DESDE QUE FOI CRIADA, DIZ**

**DIRETOR**

Depois de uma série de mudanças internas, a Vale está hoje em sua melhor forma desde que foi criada, disse ontem o diretor de Relações com Investidores (RI) da mineradora, André Figueiredo, em reunião com analistas e investidores organizada pela Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec). "Hoje, a Vale é mais competitiva do que os australianos, apesar da distância entre Brasil e China", comentou.

O executivo afirmou que a Vale entrou em 2018 em uma situação diferente, até mesmo com uma nova administração, que hoje tem como um de seus pilares estratégicos colocá-la como a maior geradora de valor aos acionistas em relação aos seus concorrentes. Figueiredo lembra que o ano começa com uma projeção do mercado

de que o preço do minério de ferro deve cair, mas pondera que, nos últimos dois anos, contudo, os valores foram mantidos na China a despeito das expectativas.

O diretor destaca que a empresa torce para que a estabilidade de preços se mantenha, isso porque não interessa volatilidade para o negócio de uma mineradora. Exemplificou que, no projeto S11D, o maior da história da companhia, os investimentos começaram em 2010, quando os preços estavam em outro patamar.

De acordo com Figueiredo, a Vale não fará investimentos em projetos que não geram retorno. Segundo ele, no passado, a Vale realizou muitos investimentos colocando na conta uma perspectiva futura melhor para os preços das commodities do que os vistos no momento, projeção que em níquel, por exemplo, não se confirmou.

"Queremos melhorar desempenho otimizando a alocação de capital", disse na reunião da Apimec. Em níquel, destacou, a companhia irá manter o negócio, mas de forma saudável. A mineradora brasileira tem afirmado, desde o ano passado, que o objetivo para a operação de níquel Vale Nova Caledônia (VNC), que não tem geração de caixa positiva, é buscar um parceiro e que, se não for possível, até mesmo um fechamento da operação não seria descartado.

A ideia para esse negócio, explicou, é "preservar a opcionalidade do negócio de níquel", para caso ocorra uma elevada demanda pelo produto no futuro por conta do crescimento do mercado de carros elétricos. Se isso ocorrer, disse, a companhia estará pronta para investir e até elevar sua produção, caso se observe que haverá retorno. Em relação ao carvão, Figueiredo comentou que a projeção é de que esse negócio tenha melhor resultado do que em 2017.

De acordo com Figueiredo, a projeção da companhia é de que a produção de minério de ferro da Vale para este ano fique na casa dos 390 milhões de toneladas, alcançando 400 milhões de toneladas a partir de 2019.

### **Dívida líquida da empresa deve chegar a R\$ 10 bilhões em 2018**

A Vale espera terminar 2018 com uma dívida líquida da ordem de US\$ 10 bilhões. Ao final do terceiro trimestre do ano passado, o endividamento estava em US\$ 21 bilhões. O diretor André Figueiredo disse que a Vale quer ter o "menor endividamento possível". Outra meta da companhia para este ano, segundo o executivo, é aumentar os dividendos aos acionistas.

"A Vale gerará substanciais fluxos de caixa ao longo dos próximos três anos", disse o executivo. Projeção da empresa é que, em um cenário mais conservador, com o preço da tonelada de minério de ferro, na média, em US\$ 55 e o preço da tonelada do níquel, em US\$ 10 mil, o fluxo de caixa acumulado de 2018 a 2020 deve ser de US\$ 13 bilhões.

Já em um cenário mais otimista, com o minério em US\$ 65 a tonelada e o níquel em US\$ 14 mil, esse valor sobe para US\$ 25 bilhões. "Primeiro utilizaremos os recursos para desalavancar e, em segundo, para remunerar os acionistas", afirmou Figueiredo. Ele lembrou que os investimentos da Vale seguirão baixos.

A percepção da Vale é de que não haverá uma venda desorganizada das ações detidas após o fim do período de bloqueio, o chamado lock-up, no final do próximo mês, disse Figueiredo. Segundo ele, os acionistas que eram da Valepar - Previ, Mitsui, Bradesco e Bndes -, ao decidirem ceder o controle da companhia para transformá-la em uma "corporation", ao migrar para o Novo Mercado e converter as

ações preferenciais em ordinárias, possuem "planos maiores para a Vale do que simplesmente a saída".

**Fonte: Jornal do Comércio**

**Data: 18/01/2018**

## **CORREIO DO ESTADO**

### **SETOR DE MINERAÇÃO REAGE E MOVIMENTA R\$ 1 BILHÃO EM MS**

*Após grave crise, segmento começa a recuperar mercado*

Depois de dois anos de retração expressiva, o setor de mineração começa a dar sinais em Mato Grosso do Sul. As empresas do segmento movimentaram cerca de R\$ 1 bilhão no ano passado.

De acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Midc), no ano passado, o segmento registrou faturamento de US\$ 124,031 milhões com a exportação de 3,742 milhões de toneladas de minério de ferro. O resultado corresponde a um aumento de 43,36% em comparação a 2016, quando o faturamento fechou em US\$ 86,514 milhões.

Alta ainda mais expressiva foi registrada nas exportações de manganês. Embora com participação inferior na balança comercial de Mato Grosso do Sul (1,89%), o minério gerou um faturamento de US\$ 90,615 milhões, 74,11% a mais em comparação a 2016.

Os minérios de ferro e de manganês figuram, respectivamente, a nona e décima posição no ranking entre os principais produtos exportados no Estado.

Ainda distante da realidade registrada em 2014, quando o faturamento do setor chegava a US\$ 468,978 milhões somente com as exportações de minério de ferro, essa recuperação foi comemorada pelo setor.

De acordo com Jaime Verruck, secretário de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, da Produção e Agricultura Familiar, essa retomada do setor fez com que a Vale, uma das gigantes do setor, não fechasse sua unidade em Corumbá.

**Fonte: Correio do Estado**

**Autora: Renata Prandini**

**Data: 17/01/2017**

# VIAGORA

## GRUPO AUSTRALIANO VAI INVESTIR R\$ 4,5 BILHÕES NA MINERAÇÃO NO PIAUÍ

*Os executivos da Riverbank Resources Mineração Ltda entregaram ao governador os estudos realizados na região de Anísio de Abreu e uma proposta de implantação*

O governador Wellington Dias recebeu, nessa segunda-feira (15), em Teresina, a comitiva de empresários australianos que deseja instalar uma mina de exploração siderúrgica no sudoeste do Piauí e investir no estado mais de R\$ 4,5 bilhões. Os executivos da Riverbank Resources Mineração Ltda entregaram ao governador os estudos realizados na região de Anísio de Abreu e uma proposta de implantação.

A empresa pretende consolidar a infraestrutura de investimentos em até cinco anos. Com a instalação da mina, o Piauí conseguirá suprir toda a necessidade de produção de aço para o consumo interno, assim como poderá vender para outros estados brasileiros, o que vai baratear significativamente os preços dos produtos, gerando também emprego e renda. A previsão é de que sejam gerados aproximadamente mil empregos diretos e três mil indiretos.

De acordo com o chefe do Executivo piauiense, os estudos foram acompanhados pelas secretarias de Estado da Mineração, do Desenvolvimento Econômico e pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

“Agora com o relatório apresentado, vamos colocar um grupo de trabalho para analisar a proposta e temos o compromisso de, em 10 dias, apresentar a viabilidade. O que eles querem é solução para regularização da terra, definição de local para a exploração de três minérios que permitem a produção do aço. São investimentos volumosos e vamos trabalhar toda a área fiscal e de meio ambiente para ver a possibilidade de implantação desses empreendimentos, que, com certeza, será excelente para o Piauí”, disse Wellington.

**Fonte: Vi Agora**

**Autor: Vitor Fernandes**

**Data: 16/01/2018**



## RETORNO DA SAMARCO PODE SER MAIS FÁCIL COM SAÍDA DA BHP, DIZ DIRETOR DA VALE

O retorno às operações da mineradora Samarco poderá ser mais fácil caso a Vale seja a única dona da empresa, controlada também pela anglo-australiana BHP Billiton, afirmou nesta quarta-feira o diretor de Relações com Investidores da gigante brasileira, André Figueiredo.

A Samarco, uma joint venture 50/50 da Vale e da BHP, está com operações paralisadas desde o fim de 2015, quando uma de suas barragens de mineração se rompeu em Mariana (MG), causando 19 mortes, deixando centenas de desabrigados e poluindo o rio Doce, que deságua no mar do Espírito Santo.

“A gente quer que a Samarco volte a operar... e isso pode ser mais fácil se a Vale vier a tocar essa operação sozinha”, disse Figueiredo a jornalistas, logo após participar de encontro com investidores em São Paulo.

O executivo explicou que a Samarco trabalha com a opção de utilizar um depósito de rejeitos que poderá ser aproveitado por cerca de dois anos, uma alternativa que não é suficiente para garantir as operações no longo prazo.

“É improvável que os órgãos deem uma licença para uma barragem como no passado. A alternativa é usar minas exauridas como depósito, e essas minas são da Vale”, explicou Figueiredo.

O diretor, no entanto, evitou dar mais detalhes sobre uma possível saída da BHP Billiton, do negócio, explicando que ainda não há nada definido.

“É uma discussão que envolve valor, mas as coisas são muito intangíveis também. Você tem toda essa questão hoje das ações judiciais, como isso vai caminhar... são várias variáveis.”

As declarações do executivo ocorrem após a Reuters publicar no início do mês que estavam ocorrendo conversas sobre o futuro da Samarco e que uma alternativa seria que a Vale comprasse a participação da BHP.

Figueiredo destacou ainda que “é muito difícil” que no futuro a Vale volte a ter uma joint venture 50/50 como a Samarco, uma vez que a companhia sofreu forte desgaste de imagem após o rompimento da barragem da mineradora, mesmo não tendo 100 por cento de gerência sobre suas operações.

“A Samarco era gerida por terceiros, outro time de executivos.... O que a gente descobriu é que se a Vale vai estar em qualquer negócio, projeto, ou operação, ela precisa estar lá operando, porque ela pode implementar seus padrões”, explicou.

Segundo Figueiredo, a Vale e a BHP empenharam até agora cerca de 1,4 bilhão de reais cada uma em compensações e remediações após o desastre socioambiental, considerado o maior da história do Brasil.

### **Meta de dívida**

Durante o encontro com investidores, Figueiredo também reiterou que as atuais prioridades da Vale são reduzir a dívida líquida a 10 bilhões de dólares, ante os 21 bilhões de dólares registrados no fim do terceiro trimestre, e pagar dividendos maiores, ambos os objetivos ainda para este ano.

“A gente consegue fazer, na realidade, se o preço (do minério de ferro) continuar como está hoje, muito antes do final do ano... a meta de 10 bilhões é super factível”, disse o executivo.

Além disso, Figueiredo reiterou que a empresa quer ser mais previsível e que vai buscar uma política de dividendos similar à de seus concorrentes no mercado, como o pagamento de um determinado percentual em relação ao lucro.

“A ideia é que qualquer um possa calcular, um percentual sobre alguma métrica... menos discricionariedade: se acontecer aquilo, pronto, paga-se”, afirmou.

Em entrevista em dezembro a jornalistas, o presidente da Vale, Fabio Schvartsman, confirmou que uma nova política de dividendos da mineradora deverá ser apresentada em março.

**Fonte: Reuters**

**Autor: Luciano Costa**

**Data: 17/01/2018**



## **PROJETO DE OURO CAJUEIRO TEM ZONA MINERALIZADA AMPLIADA**

*A Altamira Gold disse hoje (18) que as atividades de exploração no projeto de ouro Cajueiro, no sul do Pará e norte do Mato Grosso, continuam a ampliar a camada mineralizada de alto teor por meio de uma campanha de trincheiras no alvo Baldo East*

"Trincheiras recentes escavaram recentemente pelo menos duas estruturas mineralizadas contínuas de alto teor na área de Baldo East, sendo que a estrutura mais ao norte é agora chamada de Baldo East 1, enquanto que a zona imediatamente ao sul dela é chamada de Baldo East 2", diz um comunicado da mineradora divulgado hoje.

Na trincheira TCBL-29 em Baldo East 1, apresentou resultados como 10 metros @ 1,82 grama de ouro por tonelada e 7 metros @ 1,79 g/t de ouro, incluindo 1 metro @ 7,23 g/t de ouro. "Várias outras seções mineralizadas mais estreitas também foram observadas. A zona de Baldo East 1 agora se estende por aproximadamente 900 metros e ainda está aberta na direção leste", declara a mineradora.

Na trincheira TCBL-28, em Baldo East 2, a 200 metros da trincheira TCBL-25 que corta três zonas paralelas de breccias e mostrou 7 metros @ 5,53 g/t e 2 metros @ 8,30 g/t, apresentou resultados como 29 metros @ 3,03 gramas de ouro por tonelada, incluindo 7 metros @ 5,42 g/t de ouro e 4 metros @ 8,07 g/t de ouro.

"Essa estrutura foi rastreada por mais de 250 metros da camada mineralizada e está aberta tanto a leste quanto a oeste", diz a nota. A preparação e análise de amostras foi realizada na SGS Geosol em Vespasiano (MG).

"Estamos muito satisfeitos com os últimos resultados das trincheiras e sondagens na área Baldo East, que encontraram pelo menos duas estruturas paralelas de alto teor que permanecem abertas ao longo da camada mineralizada e em profundidade. Esperamos que as zonas Baldo East 1 e 2 adicionem recursos efetivamente em tamanho e teor a Cajueiro", disse Mike Bennett, presidente e CEO da Altamira, em nota.

As áreas do projeto Cajueiro estão em nome da Alta Floresta Gold Mineração, subsidiária da canadense Alta Floresta Gold, com direitos minerários em Paranaíta (MT) e Jacareacanga (PA). Em 2016, a Alta Floresta Gold foi comprada pela Equitas que, em 2017, mudou o nome para Altamira Gold.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 18/01/2018**



## SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL VAI LANÇAR REVISTA TÉCNICA SOBRE GEOCIÊNCIAS

A iniciativa aprovada pela Diretoria Executiva busca divulgar a produção geocientífica não apenas dos pesquisadores do Serviço Geológico do Brasil, como também de instituições de pesquisa e acadêmica. A primeira edição da publicação *Journal of the Geological Survey of Brazil* será em abril.

“A ideia não é nova, já surgiu outras vezes, a diferença é que agora a proposta foi endossada por vários pesquisadores e pela Diretoria Executiva que deseja estimular a produção científica dos pesquisadores da instituição”, conta o editor chefe da revista, Evandro Klein, assessor da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais, responsável pela coordenação do projeto, que envolve dezenas de outros profissionais de dentro e de fora da empresa.

Klein explica que o objetivo do *Journal of the Geological Survey of Brazil* é difundir a produção geocientífica brasileira no exterior, por isso a publicação será em inglês. “A ideia é torná-la uma publicação de renome internacional, indexada e reconhecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)”.

“O periódico tem como escopo publicar artigos sobre todas as áreas das Ciências da Terra, portanto a produção de conteúdo e elaboração dos artigos científicos envolve, sobretudo, as áreas de atuação da nossa empresa”. De acordo com Klein, 16 pesquisadores, sendo 10 do Serviço Geológico do Brasil, 04 de universidades brasileiras e outros 02 de universidades estrangeiras, fazem parte do corpo editorial da publicação.

Klein conta ainda que a equipe editorial também terá a participação da Diretoria de Relações Institucionais e Desenvolvimento, que é a responsável pela concepção da identidade visual, desenvolvimento e gerenciamento da plataforma eletrônica de submissão e hospedagem dos artigos e divulgação, além da formatação de bibliografia, tradução e diagramação das edições do *Journal of the Geological Survey of Brazil*.

“Serão três edições anuais, a primeira em abril, depois agosto e dezembro. Saliento que o periódico só vai existir de fato e se tornar visível e importante se houver o interesse dos pesquisadores do SGB em divulgar a sua produção científica e que isso seja feito de forma regular. Nós do corpo editorial vamos contribuir para permitir que os trabalhos submetidos sejam revisados por especialistas nos temas, o que aumenta a qualidade e credibilidade dos artigos publicados” avalia Klein.

Se você tem um artigo relevante sobre geociências, a revista já está recebendo contribuições que devem ser enviados para o seguinte endereço: [evandro.klein@cprm.gov.br](mailto:evandro.klein@cprm.gov.br)

Clique [aqui](#) para visualizar as orientações para o seu artigo

**Fonte: CPRM**

**Data: 18/01/2018**

# Bloomberg

## MINÉRIO DE FERRO CAIRÁ COM RENTABILIDADE DE USINAS, DIZ LIBERUM

O minério de ferro deverá cair em direção aos US\$ 50 por tonelada quando a rentabilidade das usinas na China recuar, segundo a Liberum Capital, que afirma que o ágio obtido pelo material de referência em relação às qualidades inferiores, que se transformou em característica destacada do mercado, não se sustentará.

A diferença entre o minério com 62 por cento de teor ferroso e os de qualidades inferiores é transitória, disseram analistas, incluindo Richard Knights, em nota recebida nesta quinta-feira. "Os preços de referência oscilarão rapidamente de volta para os preços das qualidades inferiores -- atualmente em US\$ 46 -- à medida que a rentabilidade das siderúrgicas cair e os estoques portuários diminuirão."

O mercado global de minério de ferro tem registrado o aumento do ágio no preço pago pelos minérios com maior teor ferroso nos últimos meses porque a China está combatendo a poluição neste inverno limitando a oferta de aço, o que estimula a procura por qualidades mais eficientes. A situação gerou debate a respeito da possibilidade de a mudança ser permanente ou uma fase passageira. A avaliação da Liberum de que a mudança não perdurará coincide com a visão do Barclays, que afirmou que a diferença maior é gerada pela rentabilidade das usinas, e que se esta cair, os preços acompanharão.

"As diferenças que estão sendo alcançadas atualmente pelo minério de qualidade de referência resultam basicamente da política chinesa, considerando que ela influenciou a rentabilidade das siderúrgicas", disse a equipe da Liberum. "Quando a rentabilidade das siderúrgicas cair, futuramente, o mesmo ocorrerá com o ágio e com o preço do minério de ferro."

O desconto pago no minério com 58 por cento de teor ferroso em comparação com o de 62 por cento aumentou de menos de 15 por cento no início de 2016 para 45 por cento na quinta-feira, quando o minério de referência estava em US\$ 74,87 a tonelada e o de baixa qualidade, em US\$ 41,49, segundo a Metal Bulletin.

Entre aqueles que sinalizam uma oscilação mais duradoura em direção a um minério de maior teor ferroso está a BHP Billiton, que em setembro anunciou a chegada de uma "nova realidade". Em separado, o Commonwealth Bank of Australia afirmou que se trata de uma "mudança estrutural", acrescentando que a mudança "não desaparecerá tão cedo".

Os estoques portuários da China, a maior usuária, aumentaram por 13 semanas, para um recorde de 152,8 milhões de toneladas, segundo a Shanghai Steelhome E-Commerce. A Liberum afirmou que embora venha ocorrendo um "enorme crescimento" no estoque geral, não há evidências de que atualmente os minérios de qualidades inferiores respondam por uma fatia maior do que antes.

**Fonte: Bloomberg**

**Autor: Jasmine Ng**

**Data: 18/01/2018**

# COMPUTERWORLD

## NEXA INVESTIRÁ ATÉ US\$ 2,4 MILHÕES EM PROJETOS COM STARTUPS

*Programa Mining Lab 2, da antiga Votorantim Metais, busca inovações em cinco países*

A Nexa Resources, nova marca da Votorantim Metais, anuncia a abertura das inscrições para o Mining Lab 2, programa de apoio a empreendedores e ao desenvolvimento de inovações tecnológicas para as áreas de mineração e metalurgia. Por meio da iniciativa, que chega à sua segunda edição, a empresa investirá até US\$ 2,4 milhões em projetos com startups.

O programa vai selecionar os melhores projetos apresentados nas áreas de automação, internet das coisas (IoT), logística, economia circular e concentração mineral.

Jones Belther, vice-presidente de exploração mineral e tecnologia, comenta que o Mining Lab é uma forma colaborativa de pensar e construir soluções tecnológicas e, assim, ampliar a competitividade frente aos desafios do negócio. "É uma iniciativa que oxigena o ambiente da empresa e abre espaço para o desenvolvimento de novas ideias, dentro do conceito de inteligência coletiva. É uma nova maneira de pensar e de trocar conhecimentos", diz.

### Como funciona

A empresa explica que, na primeira fase do programa, serão selecionados 36 startups que passarão por um período de imersão online. Destas, 24 serão escolhidas para uma capacitação presencial na qual irão desenvolver um business case com as soluções para os desafios.

Ao final desse período, uma banca composta por profissionais da Nexa vai selecionar as 12 propostas finalistas que receberão investimento financeiro, assessoria semanal de profissionais qualificados ao longo de um ano, qualificação em gestão financeira, jurídica e marketing, além de acesso às instalações e às informações técnicas das unidades operacionais da Nexa.

As inscrições estão abertas de 15 de janeiro a 18 de março por meio do site do Mining Lab 2. Serão aceitos startups de Brasil, Estados Unidos, Canadá, Peru e Chile.

Fonte: Computer World

Data: 17/01/2018

# Bloomberg

## ALTO PREÇO DO ZINCO PODE ELEVAR MARGENS DE MINERADORAS A 40%

Os preços globais do zinco provavelmente ficarão perto do pico mais alto em uma década, gerando lucros extraordinários para as mineradoras, porque a produção

deve ficar abaixo da demanda pelo terceiro ano consecutivo, de acordo com a maior fundição do Japão.

O metal, utilizado para galvanizar o aço, custará em média US\$ 2.950 por tonelada em 2018, mais do que no ano passado e mais do que os custos de produção das mineradoras, de cerca de US\$ 2.100, disse Osamu Saito, gerente-geral de vendas de metais na Mitsui Mining & Smelting. A escassez provavelmente será de 260.000 toneladas neste ano, com uma produção global em torno de 13,9 milhões de toneladas, disse ele em uma entrevista. O metal era negociado a US\$ 3.426 nesta sexta-feira.

As empresas mundiais de mineração estão em uma onda de sucessos. O crescimento global sincronizado e o investimento insuficiente em ofertas novas elevaram os preços dos metais em mais de 50 por cento nos últimos dois anos, aumentando as margens de lucro das produtoras de maior porte. As mineradoras estão entrando em um ponto ideal do ciclo de investimento e devem gerar um fluxo de caixa livre ainda maior neste ano, superando o recorde do ano passado, de acordo com Jeremy Sussman, analista da Clarksons Platou Securities.

"É bastante incomum", disse Saito em Tóquio na quarta-feira, referindo-se à alta do zinco de mais de 120 por cento nos últimos dois anos, a maior entre os seis principais contratos em Londres. "Nos preços atuais, todas as mineradoras podem ganhar dinheiro e simplesmente não é normal que essa situação dure tanto tempo."

A oferta foi limitada por restrições em minas da Glencore e por uma campanha ambiental que impede que produtoras chinesas aumentem a produção, mesmo com preços acima de US\$ 3.000, de acordo com Saito. A gigante com sede em Baar, na Suíça, está tentando reativar minas sem abalar a alta e anunciou no mês passado que aumentaria a produção em 195.000 toneladas até o fim de 2020, menos da metade das 500.000 toneladas de 2015.

### **Ciclo do mercado**

As contínuas restrições de produção da Glencore poderiam elevar os preços acima da média estimada para este ano pela Mitsui Mining, o que significa que o ciclo habitual do mercado, em que o aumento dos preços impulsiona a oferta e transforma a escassez em abundância, pode levar mais tempo para se materializar, disse Saito. A Mitsui Mining revisará sua perspectiva de preço em março, antes do início do ano financeiro japonês, em abril, disse ele.

A principal produtora Hindustan Zinc, uma unidade da Vedanta, do bilionário Anil Agarwal, é otimista em relação a preços e prêmios porque a estimativa é de que o consumo irá exceder a oferta das minas e apertar o mercado de concentrados. "Terminaremos o ano com outro desempenho recorde em produção e rentabilidade", disse o CEO Sunil Duggal, em uma teleconferência na quinta-feira.

**Fonte: Bloomberg**

**Autores: Masumi Suga e Ichiro Suzuki**

**Data: 19/01/2018**



## GOVERNO ANALISA FLEXIBILIZAÇÃO DO MONOPÓLIO NA MINERAÇÃO DE URÂNIO

*A possível flexibilização do monopólio da União, por meio da Indústria Nucleares do Brasil (INB), na pesquisa e lavra de minérios nucleares, será analisada por um grupo técnico instituído pelo ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI), Sérgio Etchegoyen. Além deste grupo técnico, outro irá elaborar a proposta da Política Nuclear Brasileira*

Os dois grupos serão formados por representantes de vários ministérios e de outras instituições, como a Comissão Nacional de Energia Nuclear, o Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo, a própria INB, e a Nuclebrás Equipamentos Pesados. Os técnicos que irão tratar da política nuclear serão coordenados pelo GSI, enquanto o que trata da mineração será coordenado pelo Ministério de Minas e Energia (MME).

No mês passado, o INB recebeu o investimento de R\$ 190 milhões do governo para garantir o abastecimento das usinas nucleares de Angra 1 e Angra 2. Em 2017, o Notícias de Mineração Brasil (NMB) noticiou que, de acordo com o planejamento estratégico da empresa, a INB espera se tornar independente do Tesouro Nacional até 2026.

Atualmente, a empresa desenvolve o projeto Mina do Engenho para lavra de urânio em Caetité, na Bahia. A capacidade do empreendimento será de produção anual de 260 toneladas de U3O8, o concentrado de urânio, mais conhecido como yellow cake. A expectativa de vida da Mina do Engenho é de 15 anos

A INB foi fundada em 1988 e incorporou as empresas que faziam parte da Nuclebrás, criada para cumprir o Acordo Nuclear Brasil-Alemanha. Com o objetivo de concentrar todo o ciclo de produção do combustível nuclear, desde a mineração até a montagem e entrega do elemento combustível, a INB foi idealizada para impulsionar a produção da energia nuclear no Brasil.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 17/01/2018**



## BOLÍVIA COMEÇARÁ A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CLORETO DE POTÁSSIO EM AGOSTO

A Bolívia começará a produção industrial de cloreto de potássio em agosto, com o início da Usina Industrial de Potássio no município de Uyuni, construído pela empresa chinesa Camc Engineering.

"Este ano, entraremos na era da industrialização do lítio quando em agosto começaremos a produzir quantidades industriais de cloreto de potássio, a planta terá uma capacidade de produção de 350 mil toneladas por ano", disse o vice-ministro das Tecnologias da Alta Energia à Xinhua. Luis Alberto Echazú, em seu escritório em La Paz.

O cloreto de potássio tem uma variedade de aplicações em vários setores e como um fertilizante tem uma demanda importante em todo o mundo, que o define como um produto industrial e transformado, com grandes perspectivas de comercialização e renda milionária para a Bolívia, explicou o funcionário da High Technologies Energia, dependente do Ministério da Energia.

Ele disse que esta planta realizará os primeiros testes de água em 28 de janeiro e planeja produzir fertilizantes à base de potássio e que possui um sistema com alto grau de automação.

A Bolívia, através do então Estado National Management of Evaporic Resources (GNRE) e da empresa chinesa Camc Engineering Co. Ltd, assinou em julho de 2015 um contrato para a construção, montagem e comissionamento da Planta Industrial de Sais de Potássio, localizado no município de Uyuni, departamento de Potosí (sudoeste).

A Planta Industrial de Vendas de Potássio é construída em 2.500 metros quadrados e tem uma altura de 36 metros, constituindo uma das 10 maiores do mundo.

O dignitário confirmou que esta planta industrial será entregue em agosto, após confirmar o progresso físico e operacional desse projeto que exige o investimento de 178 milhões de dólares.

De acordo com o presidente Morales, "não há escassez" de mercados para os produtos dessa planta e ele exortou a empresa a concluir sua construção.

De acordo com a informação oficial, a Bolívia tem uma ótima oportunidade para entrar no mercado mundial de cloreto de potássio com renda milionária para o estado com a produção industrial desta planta.

Este produto tem uma perspectiva de demanda "muito grande", uma vez que atualmente atinge um mercado de entre 30 e 40 milhões de toneladas por mês.

De acordo com a explicação de Echazú, o fertilizante tem um crescimento muito grande devido a problemas de produção no mundo.

O relatório oficial afirma que as perspectivas para o mercado internacional são muito amplas, porque o Brasil, sem ir longe, consome de 6 a 7 milhões de toneladas e produz 1,5 milhão, com um déficit de pelo menos 5 milhões de toneladas de cloreto. Potássio que a Bolívia pretende cobrir.

**Fonte: Global Fert**

**Data: 11/01/2018**

**Valor**<sup>ECONÔMICO</sup>

## **MINERADORA INVESTE POUCO EM INOVAÇÃO TRANSFORMADORA**

As mineradoras da América Latina continuam concentrando a maior parte dos esforços em inovação em resultados de curto prazo ao invés de investir mais em iniciativas que garantam retornos sustentáveis em um horizonte mais longo de tempo,

segundo mostra uma pesquisa da consultoria Deloitte realizada com 17 empresas do setor em seis países da região. Apesar do diagnóstico, as mineradoras latino-americanas demonstram interesse em se engajar mais em iniciativas de inovação incremental, que garantam ganhos em termos de mercados e de produtos, e também em fazer mais investimentos considerados "transformacionais" para o setor.

A pesquisa, intitulada de "Inovação em mineração - América Latina 2017" inclui grandes mineradoras e empresas de menor porte, as chamadas "juniors", além de fornecedores do setor, na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru. O trabalho, feito em parceria com o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), ouviu 17 companhias do setor e buscou comparar iniciativas de inovação na América Latina com o resto do mundo.

Na pesquisa, a inovação é vista de forma ampla, envolvendo diversos aspectos das atividades das empresas, desde a forma como produzem até as relações com as comunidades e com outros públicos de interesse.

"Inovação tecnológica é apenas uma das formas de inovar na mineração", diz André Joffily, sócio-líder da Deloitte para o setor no Brasil. "Quando você vai falar com o presidente de uma empresa [da indústria mineral], ele vai falar como inova no uso da água e na relação com as comunidades, por exemplo, daí a importância de ter uma visão multifacetada da inovação", afirmou Joffily.

O trabalho da Deloitte apresenta dez tipos de inovação na área mineral. "As empresas que se beneficiam mais da inovação são aquelas que conseguem passar um volume maior desses dez tipos de inovação", disse Joffily. A lista inclui o modelo de rentabilidade, rede de conexões para criar valor ao negócio, a estrutura e os processos da empresa, a performance e o sistema de produção, os serviços e os canais de mercado, a marca e a relação com públicos de interesse e os clientes. De acordo com o executivo, a empresa começa a se diferenciar dos concorrentes pela forma como se envolve com as comunidades, como levanta recursos financeiros no mercado e como torna a sua operação logística mais eficiente.

Na pesquisa, as empresas disseram que, em média, 65% de seus investimentos em inovação são para o chamado "core", que inclui iniciativas para otimizar ativos, produtos e serviços existentes. E somente 14% dos investimentos, em média, são voltados para a inovação "transformacional", aquela que representa uma quebra de paradigma e que traz invenções novas para a indústria do setor. Joffily disse, porém, que como meta as empresas demonstram interesse de ampliar de 14% para 23% o investimento em inovação "transformacional" na mineração na região. Na América Latina, as mineradoras "juniors" se mostram mais propensas do que as grandes companhias a investir em nesse tipo de inovação.

No caso do Brasil, Joffily entende que o país segue na "superfície" da adoção da inovação transformadora no setor mineral. "Soluções tecnológicas e estruturais seguem sendo incorporadas pontualmente." O corte de custos e a redução de margens conduzidos pelas mineradoras, em cenário de redução de preços, limitaram a capacidade de inovar nos últimos anos. "Mas se o modelo atual não for repensado, a sustentabilidade de vastas porções desse mercado estará ameaçada", disse Joffily.

Walter Alvarenga, diretor-presidente do Ibram, disse que é necessário que o Brasil compreenda melhor a importância do setor mineral e que estimule as inovações por meio de apoios "consistentes" com a futura trajetória da política mineral brasileira. "As empresas industriais precisam compreender que a inovação pode ajudar a otimizar

e a desburocratizar processos, além de reduzir custos futuros", afirmou. Ele negou que a inovação seja só estimulada pelos preços: "Outras questões também impulsionam o investimento [em inovação] como o relacionamento com a comunidade, governança e, principalmente, um planejamento estratégico governamental de apoio às políticas de inovação ao setor, de forma que mostre uma rota a seguir, do que o país necessita naquele momento."

**Fonte: Valor**

**Autor: Francisco Góes**

**Data: 24/01/2018**



## **MP ALERTA PARA RISCO DE ROMPIMENTO DE BARRAGEM EM ÁREA DE GARIMPO NO AMAPÁ**

Para evitar rompimento de barragem no Amapá, um canal vai ser construído em área de garimpo. Medida atende a pedido do Ministério Público, que alertou para risco de acidente semelhante ao que ocorreu em Mariana, Minas Gerais.

Uma força-tarefa composta por Defesa Civil, Secretaria do Meio Ambiente do Amapá, Ibama, Departamento Nacional de Produção Mineral, entre outros órgãos federais e estaduais está em Calçoene, a 360 km de Macapá. É lá, que fica a barragem do Laborer - com rejeitos de mineração do garimpo do Lourenço fechado no final do ano passado.

A decisão de fazer um desvio através de um canal na região é para diminuir a pressão na área para, em seguida, fazer reparos nas bordas da barragem e evitar um possível rompimento. De acordo com o governo do Amapá, o plano de ação deve ser concluído próxima semana.

Um laudo da Polícia Federal apontou que parte da barragem já sofreu desmoronamento, fissuras e erosão comprometem estrutura.

O coronel Wagner Coelho, comandante-geral do Corpo de Bombeiros do Amapá fala sobre que tipo de dano um eventual rompimento da barragem pode trazer ao meio ambiente e a população.

No final de novembro, nove pessoas foram presas em esquema de extração ilegal de ouro e exploração de trabalhadores do garimpo do Lourenço em Operação da Polícia Federal.

**Fonte: EBC – Rádioagência Nacional**

**Autora: Renata Martins**

**Data: 17/01/2018**

## SETOR MINERAL TEM EM 2017 MAIOR SUPERÁVIT DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS, DIZ MINISTÉRIO

O superávit do setor mineral, que abrange a mineração e a indústria da transformação mineral, cresceu 30 por cento em 2017 na comparação com 2016, para o maior nível dos últimos cinco anos, segundo dados do Ministério de Minas e Energia (MME) publicados nesta quarta-feira.

No ano passado, o superávit foi de 23,4 bilhões de dólares, graças ao aumento das exportações e à recuperação dos preços do minério de ferro, apontou a pasta. As exportações totalizaram 46,4 bilhões de dólares enquanto as importações, 23 bilhões de dólares.

Em 2017, as vendas externas da mineração (apenas minérios) foram de 24 bilhões de dólares. Representaram, segundo o MME, 51,7 por cento do total das exportações do setor mineral e 11 por cento das exportações brasileiras.

Os embarques de minério de ferro, principal item dessa pauta, aumentaram em 2,5 por cento, passando de 366,2 milhões de toneladas em 2016 para 383,5 milhões toneladas em 2017, enquanto a receita gerada com essas vendas cresceu 44,5 por cento.

O minério de ferro participou com 80 por cento das exportações da mineração, 41,4 por cento das do setor mineral e 8,8 por cento das exportações brasileiras em 2017.

A mineradora brasileira Vale --maior produtora global de minério de ferro-- , que exporta quase toda a sua produção do Brasil para outros países, ainda não publicou seus dados consolidados de 2017, mas previu em dezembro que sua produção atingiria 365 milhões de toneladas do minério no ano passado.

**Fonte: Reuters**

**Autora: Marta Nogueira**

**Data: 24/01/2018**



## COUGAR CONFIRMA ALTO TEOR DE LÍTIO EM PROJETO NO CEARÁ

*A Cougar Metals, dona do projeto de lítio Solonópole, no Ceará, disse hoje (15) que a atividade de exploração apresentou mais resultados com alto teor de óxido de lítio, o que confirma dados históricos da região*

"Amostras coletadas retornaram mais resultados de alto teor em minerais de lítio ambligonita e lepidolita com teores de até 9,33% de Li<sub>2</sub>O [óxido de lítio]", diz a mineradora em comunicado divulgado hoje na Austrália.

Foram coletadas 106 amostras de solo e de rochas na área do projeto Solonópole, em alvos como Hélio, Severo e Lapinha, ao mesmo tempo em que geólogos

da Cougar faziam o mapeamento geológico. Das 71 amostras de rochas, 20 apresentaram resultados superiores a 0,12% Li<sub>2</sub>O. De acordo com a mineradora, as amostras também mostram a presença de tântalo com até 2.880 partes por milhão (ppm) da substância. "Ao todo foram recolhidas 35 amostras de solo em uma área de aproximadamente 5 quilômetros quadrados em uma malha de 400 por 400 metros", diz a nota.

Esses resultados fazem parte das atividades de mapeamento geológico e amostragem de solos e rochas. O mapeamento geológico da área ainda identificou novos afloramentos de pegmatitos.

Segundo a Cougar, os trabalhos de acompanhamento da exploração nos próximos três meses serão dedicados à extensão das malhas a partir dos afloramentos de pegmatitos com alto teor identificados. O objetivo é encontrar a tendência regional e, assim, os pegmatitos que estão no subsolo, depois serão abertas trincheiras ao longo das tendências.

"As sondagens serão planejadas depois do recebimento dos resultados das trincheiras e podem ser iniciadas no quarto trimestre de 2018", diz a mineradora em nota.

"A equipe de gestão [da Cougar] estará na próxima semana no local do projeto para avaliar o trabalho que foi feito até o momento, incluindo as atividades de exploração implementadas. Está claro que estamos lidando com um grande sistema mineral e precisamos refinar os nossos alvos de sondagem da melhor maneira possível", disse Randal Swick, presidente do conselho da Cougar, em nota.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 15/01/2018**



## **AÇÃO DO MPF/AM PEDE PROIBIÇÃO DE CONCESSÕES PARA MINERAÇÃO EM ÁREAS PROTEGIDAS**

*Órgão verificou irregularidades em requerimentos de exploração e em licenças ambientais*

Ministério Público Federal (MPF) no Amazonas entrou com ação civil pública para suspender concessões e renovações de títulos para mineração em áreas de conservação em todo o Brasil, quando não houver plano de manejo aprovado que admita a atividade na área.

O órgão disse ter identificado irregularidades em requerimentos de exploração mineral em tramitação na Agência Nacional de Mineração (ANM), além de licenças ambientais concedidas ilegalmente pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam). O G1 entrou em contato com os dois órgãos e aguarda posicionamento.

A ação pede ainda que a Justiça determine à ANM e ao Ipaam a realização de levantamento imediato e detalhado de todos os requerimentos e processos de licenciamento ambiental em tramitação ativa no país, em unidades de conservação de proteção integral ou de uso sustentável.

O prazo para o levantamento seria de 60 dias, sob pena de multa diária de R\$ 10 mil em caso de atraso e de R\$ 20 mil por requerimento ou processo omitido no levantamento.

O MPF requer a total abstenção de concessão ou renovação de licença ambiental do Ipaam para atividades mineradoras em unidades de conservação federais no Amazonas, ainda que permitida no plano de manejo, já que não possui competência para esse tipo de autorização.

O órgão estadual também deve encaminhar, imediatamente, os procedimentos ao Ibama para que os requerimentos e as licenças já concedidas sejam invalidadas.

A ação tramita na 7ª Vara Federal no Amazonas, sob o número 1003646-43.2017.4.01.3200, e aguarda decisão judicial. O MPF acompanha a situação desde o ano passado, por meio de inquérito civil público.

**Fonte: G1**

**Data: 19/01/2018**



## **SMALL REMAINS BEAUTIFUL FOR GOLD MINING ACQUISITIONS**

Small, opportunistic deals will dominate the global gold mining sector again this year, analysts said on Tuesday, after Leagold Mining Corp unveiled a \$264 million bid for fellow Canadian gold miner Brio Gold Inc.

Six years after the last mining boom ended with billions of dollars in writedowns following over-priced mega-acquisitions, miners remain wary of big purchases, despite a 13 percent rebound in the gold price last year and the need for producers to replace mined-out ounces.

That is captured in falling M&A, with the value of global gold mining deals dropping to a three-year low of \$10.6 billion last year, down 14 percent on 2016, according to Thomson Reuters data. The number of deals, however, jumped 70 percent to 648, as miners played it safe with smaller purchases.

"There is a strong focus on cash generation and 'fundability' from investors, so I think for now larger deals would be hard to sell to the market," said Hedley Widdup, a fund manager at Melbourne-based Lion Selection Group, which invests in small mining companies.

Earlier on Tuesday, Leagold, which was formed just 17 months ago and operates a single mine in Mexico, unveiled its intention to make an all-share offer for Brio, which owns three, small mines in Brazil and a fourth scheduled to reopen by year-end.

Brio said in a statement that it was considering the proposal and urged shareholders to take no action yet, adding that it considered itself to be "extremely undervalued."

Vancouver-based Leagold had looked at "quite a few targets" since its acquisition of the small Los Filos mine last year, Chief Executive Neil Woodyer said in an interview.

Brio's Brazil assets fitted with Leagold's objective to build a mid-sized gold producer in Latin America, and Brio's share price drop made it an appealing time to buy, he said. The stock is down 45 percent from a year ago.

"There is a bit of opportunism there," said Woodyer, who as the previous CEO of Endeavour Mining helped build that company into one of West Africa's biggest gold producers.

A combined Leagold-Brio would potentially produce about 450,000 ounces of gold this year. The transaction is backed by Yamana Gold, Brio's biggest shareholder with a 53.6 percent stake.

Over the past three years, production among the world's largest gold producers has declined by around 5 percent on average as they focused on cutting debt and costs, selling off operations that were expensive to operate, and reducing investment in exploration, projects and acquisitions.

"Zero growth is the new growth in this industry," David Garofalo, the CEO of Goldcorp, the world's fifth biggest gold producer by market value, said last week.

**Fonte: Mining**

**Autores: Nicole Mordant e Rosalba O'Brien**

**Data: 24/01/2018**



## **ADIMB COORDENA DELEGAÇÃO BRASILEIRA**

A Adimb (Agência para o Desenvolvimento da Indústria Mineral Brasileira) está organizando novamente a participação brasileira na convenção PDAC, que se realiza de 4 a 7 de março próximo, em Toronto, Canadá.

Além de um estande, para divulgação do setor mineral brasileiro, a entidade realizará mais uma edição do Brazilian Mining Day, que destacará o panorama do setor no Brasil, a recuperação macroeconômica do País, as perspectivas para o setor após a implementação das medidas do programa de revitalização e as oportunidades para exploração mineral no Brasil com a identificação de novos ambientes geológicos.

O evento também terá como destaque uma apresentação da Nexa Resources (empresa resultante da fusão da Votorantim Metais com a Milpo, que fez IPO nas bolsas de Toronto e Nova Iorque no segundo semestre de 2017), a qual mostrará seus planos de crescimento no Brasil e no Peru, onde estão concentradas suas principais atividades.

A Adimb também está coordenando a delegação brasileira ao PDAC 2018, com participação aberta a todos os interessados. Maiores informações podem ser obtidas na Adimb pelo Tel. (61) 33270285 ou pelo email: [gustavomello@adimb.com.br](mailto:gustavomello@adimb.com.br)

Fonte: Brasil Mineral

Data: 19/01/2018

A banner for the PDAC 2018 convention. The left side has a green background with white text: "PDAC 2018 Register now", "Sunday, March 4 - Wednesday, March 7", and "Toronto, Canada". The right side shows a photograph of a busy trade show floor with various booths and people.

<http://www.pdac.ca/convention>



**INSCRIÇÕES ABERTAS**

PARA SE INSCREVER ACESSE  
[WWW.ENAGE2018.COM/INSCRICOES](http://WWW.ENAGE2018.COM/INSCRICOES)

**16º**

**CBGE**

16º Congresso Brasileiro de  
Geologia de Engenharia e Ambiental

**2 a 6 de Setembro de 2018**

Maksoud Plaza Hotel | São Paulo | SP | Brasil